

TRADIÇÃO POLÊMICA

RODRIGO ALVES
rodrigoalves@jppjournal.com.br

As universidades brasileiras recebem milhares de novos alunos nos próximos dias. O início das aulas anuncia a chegada de um ritual que, para alguns é considerado diversão e para outros é sinônimo de pavor. É o conhecido trote, palavra que segundo o dicionário Houaiss significa "tentativa de ridicularizar os calouros, por parte dos veteranos". Em praticamente todas as instituições brasileiras, ele é proibido, mas o que se vê nas ruas é a sua prática constante, muitas vezes acompanhada de atos violentos.

Esta semana, alguns deles ganharam o noticiário nacional. Na segunda-feira, 9, o estudante Bruno César Ferreira, 21, foi atendido no hospital de Leme depois de ter sido ferido com chicote, recebido chutes no abdome, amarrado em poste e abandonado na rua em coma alcoólico. O ato ocorreu durante trote do curso de medicina veterinária da Anhanguera Educacional.

No mesmo dia, em Santa Fé do Sul, a aluna do curso de análise de sistemas Priscila Muniz, 18, recebeu em seu corpo uma mistura de gasolina e creolina. Grávida de três meses, teve queimaduras de segundo grau nas duas coxas, nádegas, costas e cotovelo. A ocorrência envolveu pelo menos outros dois calouros da Fundação Municipal de Educação e Cultura.

A realidade de hoje não é muito diferente de há dez anos, quando se registrou o caso mais grave de trote. Em fevereiro de 1999, na manhã seguinte ao churrasco de recepção aos calouros da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo), o corpo de Edison Tsung Chi Hsueh foi encontrado no fundo da piscina da associação atlética da faculdade. Depois da tragédia, o Conselho Universitário da USP resolveu proibir qualquer tipo de trote que conotasse atos de violência física, moral ou psicológica.

Embora os casos de trotes universitários sejam noticiados ano a ano, até o momento não há legislação sobre o assunto. Na Câmara dos Deputados tramitam projetos de leis desde 1976 e vários deles aguardam apenas votação em plenário. Segundo notícia do portal globo.com, as punições dependem de outras interpretações na legislação, a partir de atos violentos. É o que está fazendo agora o Ministério Público Federal com a investigação se as universidades devem ser responsabilizadas por trotes violentos dentro ou fora de suas dependências. A suspeita é de que elas estão sendo coniventes, já que não punem os alunos, segundo o MP.

RADICALIZA

Em Piracicaba, dois dias depois das agressões aos estudantes nas cidades paulistas, os veteranos praticavam os trotes em calouros pelas ruas. No cruzamento das avenidas Independência e Carlos Martins Sodero estava o calouro Ricardo Lauand, 22, do curso de engenharia mecânica, que já passou pela experiência no curso de engenharia elétrica de uma universidade em Araraquara, a qual frequentou por um ano. "Lá os caras pegaram mais pesado que aqui. Roubaram meu chinelo e rasgaram minha roupa. Aqui o trote é bebida, pegar dinheiro e fazer festa", disse Lauand.

O veterano Fabrício Moreira diz que o trote em Lauand não acaba no semáforo e vai durar um ano. É que o rapaz vai morar em república, onde as "punições" recebem um outro nome: estágio. "Ele vai ter que lavar, cozinhar, limpar a casa, pegar fila em bancos e fazer as compras."

Calouro de engenharia mecânica, Luigi Favarin de Toledo, 18, também estava no pedágio com os cabelos raspados, sem camisa e com corpo pintado com tinta vermelha. "Só escapei do

trote no primeiro dia, mas aqui não há nada que machuque. É apenas bebida e pedir dinheiro."

Entre os veteranos da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) ninguém gosta de falar sobre o assunto trote. A alegação é a de que a instituição proíbe a prática e que é melhor ficar calado do que ser punido. "É tudo brincadeira, a imprensa radicaliza demais", diz um esalqueano, que não quis se identificar.

Um outro aluno do curso de agronomia, R.D.S., 22, que está no segundo ano, disse que considera o ritual dos trotes normal, mas reconhece os abusos. "Nem sempre você está de bom humor e é justamente quando o bixo se exalta que a coisa pega", disse.

Para a estudante M.S.C., 23, atitudes trotistas prejudicam a credibilidade das repúblicas. "A fama das repúblicas ficou tão ruim que estamos com dificuldade de para encontrar pessoas para morar. Isso não é bom, precisamos dividir os gastos."

Para discutir o trote entre as repúblicas, a reportagem entrou em contato com representantes do Conselho das Repúblicas da Esalq, que optaram por não se pronunciar sobre o assunto.

Por falar em estudantes, vale lembrar que em 15 de maio de 2007, houve manifestação deles contra a instituição, devido à divulgação da "Carta Aberta à Comunidade Esalqueana", disponível no site www.esalq.usp.br. O principal parágrafo do texto diz que pode ocorrer até expulsão do aluno que causar, a quem quer que seja, agressão física, moral ou de constrangimento, dentro ou fora da instituição.

NÃO PODE

Na Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), a assessoria de imprensa informou que o trote foi "abolido" em todos os campi, inclusive nas dependências externas, em 1998. A deter-

minação foi aprovada pelo Conselho Universitário. "Ano a ano a gente tem insistindo para que não ocorra trote, mas sim uma interação entre o calouro e veterano, com ações mais saudáveis", explica o coordenador do processo seletivo, Lúcio Marcos Teixeira. O aluno que se sentir ofendido com qualquer ato deve procurar o grupo de apoio, que durante as primeiras semanas tem pessoal distribuído pelos corredores da universidade.

Na EEP (Escola de Engenharia de Piracicaba) a regra é a mesma, mas o diretor acadêmico José Carlos Chitolina reconhece que a postura dos alunos fora de sua área foge do controle. "Antes do início da aula, encaminhamos ofício aos veteranos com as boas-vindas e lembramos da proibição. Na recepção aos calouros, damos algumas instruções, inclusive sobre o trote. Felizmente não temos casos de excessos e a interação tem sido boa", diz Chitolina.

INVASÃO

Segundo o professor titular aposentado da Esalq e docente do curso de mestrado da Uniara (Centro Universitário de Araraquara), Oriowaldo Queda, qualquer prática trotista constitui um ato de violência. "Há uma invasão do corpo", diz ele, co-autor do livro "Trote na Esalq", com Antônio Ribeiro de Almeida Júnior (leia quadro nesta página com algumas práticas pesquisadas por eles e publicadas no livro).

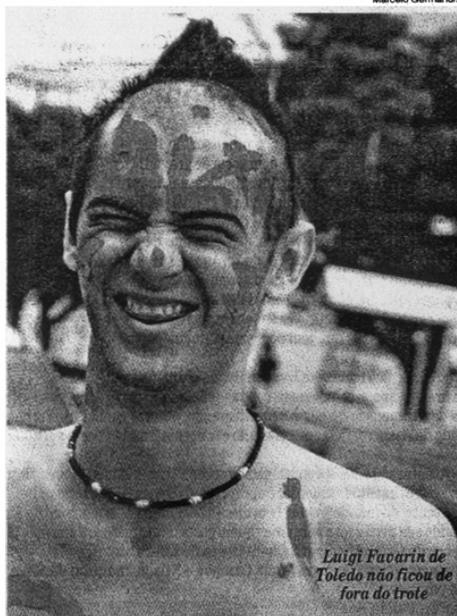
Para o professor, é preciso que exista uma ação da promotoria pública para que o trote deixe de existir. "A responsabilidade da não existência do trote é do diretor, do reitor, do responsável pela universidade. Se eles não cobrem de uma forma sistemática e efetiva, o Ministério Público deveria acionar as pessoas e puni-las", diz Queda.

Como são os trotes na Esalq

Livro relata alguns exemplos

- Apelido** — Chamamento de alunos nus por espaço de características físicas ou comportamentais
- Chispada** — Corrida de alunos nus por espaço público; em alguns casos, os trotistas se juntam aos calouros
- Comer debaixo da mesa** — O calouro come parte da refeição debaixo da mesa e depois é convidado a sentar-se ao lado dos veteranos
- Mastiguiinha** — O "doutor" (aluno mais velho) mastiga a comida, passa para o menos graduado e este passa ao calouro
- Passeata do bixo** — Acontece tradicionalmente no dia 13 de maio e termina com o "banho batismal" dos trotistas no chafariz da praça José Bonifácio
- Pascu** — O aluno é imobilizado e tem o creme dental injetado no ânus
- Pastinha** — O calouro passa pasta de dente no pênis e se masturba na frente dos veteranos
- Pedágio** — Coleta de dinheiro por alunos calouros, geralmente de cara pintada, em semáforos; o dinheiro arrecadado vai para a compra de bebidas e realização de festas
- Raspas de cabelo** — Nos casos mais comuns a logomarca da república ou da instituição permanece no que restou do cabelo
- Vômito congelado** — Veteranos armazenam vômitos em geladeiras e depois obrigam grupos de novos alunos a ingerir a substância

Fonte: Livro "Trote na Esalq" (2003), de Antônio Ribeiro de Almeida Júnior e Oriowaldo Queda



Luigi Favarin de Toledo não ficou de fora do trote

Marcelo Germano/JP